

**DIACRONIA DE PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DE TEXTOS EM CARTAS DE LEITOR PAULISTAS***DIACHRONY OF TEXT CONSTRUCTION PROCESSES IN READER'S LETTERS PUBLISHED IN THE STATE OF SÃO PAULO**Eduardo Penhavel<sup>1</sup>**Alessandra Regina Guerra<sup>2</sup>**Joceli Catarina Stassi-Sé<sup>3</sup>**Michel Gustavo Fontes<sup>4</sup>**Solange de Carvalho Fortilli<sup>5</sup>***RESUMO**

Este artigo insere-se no quadro teórico-metodológico da abordagem diacrônica de processos de construção textual formulada no interior do *Projeto para a História do Português Brasileiro*, uma abordagem que aplica princípios da Perspectiva Textual-Interativa ao estudo diacrônico do texto. O trabalho tem os seguintes objetivos: descrever como os processos de organização tópica, parentetização e repetição se desenvolvem diacronicamente em cartas de leitor paulistas e formular a hipótese de que a diacronia desses processos estaria ligada a uma alteração na finalidade sociocomunicativa e a uma alteração no estilo das cartas. O material de análise é composto por cartas de jornais paulistas publicadas nos séculos XIX e XX. Os resultados destacam as seguintes mudanças no uso desses processos: expressiva queda do percentual de emprego da unidade tópica de interpelação, pela qual o escrevente dirige um pedido a um destinatário; drástica diminuição da incidência de parênteses com foco no interlocutor; forte redução de repetições com foco na interatividade. Conforme se argumenta no artigo, os dados sugerem que, historicamente, as missivas passariam da finalidade de discutir um tema como sustentação de uma solicitação para a finalidade de discutir um tema como expressão de opinião e migrariam de um estilo textualmente mais interativo para um estilo menos interativo. Essas duas alterações estariam entre as motivações das mudanças nos processos textuais analisados. Ao correlacionar a diacronia desses processos com alterações na finalidade sociocomunicativa e no grau de interatividade das cartas, o artigo procura, em última instância, evidenciar a relação intrínseca que existe entre linguagem e intersubjetividade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Perspectiva Textual-Interativa. Diacronia do texto. Tópico discursivo. Parentetização. Repetição.

<sup>1</sup> Docente da Universidade Estadual Paulista (Unesp), [eduardo.penhavel@unesp.br](mailto:eduardo.penhavel@unesp.br), <https://orcid.org/0000-0003-0718-1142>.

<sup>2</sup> Pesquisadora do Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara (SoLar), sediado na Universidade Estadual Paulista (Unesp), [alessandrareginaguerra@gmail.com](mailto:alessandrareginaguerra@gmail.com), <https://orcid.org/0000-0002-9665-0002>.

<sup>3</sup> Docente da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), [jocelistassise@hotmail.com](mailto:jocelistassise@hotmail.com), <https://orcid.org/0000-0001-7847-4247>.

<sup>4</sup> Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), [michel.fontes@ufms.br](mailto:michel.fontes@ufms.br), <https://orcid.org/0000-0003-2376-8648>.

<sup>5</sup> Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), [fortilli@gmail.com](mailto:fortilli@gmail.com), <https://orcid.org/0000-0002-8348-4359>.

## ABSTRACT

This paper is developed within a diachronic approach that has been formulated as part of the *Project for the History of Brazilian Portuguese*. Such approach is based on Textual-Interactive Perspective and focuses on the diachronic study of text construction processes. The purpose of the article is to describe how the processes of topic organization, parenthetical insertion and repetition evolve in reader's letters published in São Paulo State, and to propose a hypothesis according to which the diachrony of these processes is related to a historical change in the purpose and the style of such letters. The corpus is composed of letters published in newspapers, in the 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> centuries. The results show the following changes in these processes: expressive reduction in the percentage use of interpellation, a topic unit by which a writer makes a request to an addressee; drastic decline in the incidence of parentheses with focus on the interlocutor; strong decrease in the frequency of predominantly interactive repetitions. In addition, the results suggest that: the letters move from the purpose of discussing a subject as basis for a request to the purpose of discussing a subject in order to express opinion; the letters change from a more interactive style to a less interactive one. These two changes are argued to be among the motivations of the changes in the textual processes under analysis. By correlating these processes with purposes and interactive behaviors of the letters, the paper elucidates the intrinsic relationship that holds between language and intersubjectivity.

**KEYWORDS:** Textual-interactive perspective. Diachrony of text. Discourse topic. Parentheses. Repetition.

## Introdução

Desde a década de 1990, vem sendo desenvolvido no Brasil um projeto de pesquisa intitulado *Projeto para a História do Português Brasileiro* (PHPB), que engloba uma série de projetos regionais, dentre os quais o *Projeto de História do Português Paulista* (PHPP) (Castilho, 2018). No âmbito desses dois projetos, formulou-se um novo quadro teórico-metodológico, que, situado na interface entre Linguística Textual e Linguística Histórica, dedica-se ao estudo diacrônico de processos de construção de textos. Dentre outros pressupostos, essa abordagem define, como princípio basilar, o entendimento de que a diacronia dos processos de construção de textos é parte da história dos gêneros textuais.<sup>6</sup>

Inserido nessa abordagem, o presente trabalho tem os seguintes objetivos: (i) descrever a trajetória diacrônica de três processos, a saber, organização tópica, parentetização e repetição, examinando como esses processos se desenvolvem no gênero carta de leitor, particularmente em cartas de jornais paulistas publicadas entre os séculos XIX e XX; (ii) demonstrar que as três trajetórias exibem uma orientação diacrônica em comum, apresentando hipótese sobre como elas fariam parte de um possível percurso de mudança do gênero, especificamente no que diz respeito a sua finalidade sociocomunicativa e a seu estilo.

A justificativa do trabalho encontra-se no fato de que a análise oferecida pode contribuir para a descrição da história do português paulista e brasileiro, no que tange não só à diacronia dos processos selecionados, mas também ao histórico do gênero textual em tela. Além disso, a discussão fornecida pode subsidiar a reflexão sobre a pertinência e a viabilidade da abordagem diacrônica de processos textuais, bem como sobre novas pesquisas a serem propostas e sobre possíveis reformulações e

<sup>6</sup> Parte da referida abordagem diacrônica foi formulada em projeto de pesquisa temático financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp; processo nº 11/51787-5). Os resultados apresentados no artigo decorrem de pesquisas realizadas também no contexto desse projeto.

desdobramentos do modelo. Ademais, enquanto cada trabalho já publicado com base nessa abordagem focaliza um único processo, este artigo tem a singularidade de analisar, conjuntamente, três processos, permitindo uma melhor avaliação da amplitude da abordagem e de sua coerência no tratamento de diferentes fenômenos.

Em particular, o trabalho confere especial ênfase a uma premissa central do quadro teórico-metodológico em que se assenta. Como tratado adiante, a abordagem diacrônica em pauta ancora-se largamente no quadro da Perspectiva Textual-Interativa (PTI), a qual assume, como um de seus pilares, o pressuposto de que a estruturação do texto se realiza de forma intrinsecamente ligada ao seu processamento interacional. Ou seja, um fundamento central da PTI é descrever a estruturação textual tendo em vista as condições enunciativas e contextuais imbricadas na interação verbal entre sujeitos. O presente trabalho configura-se, justamente, em torno do propósito de correlacionar a estrutura textual a fatores interacionais, no caso à finalidade *sociocomunicativa* do gênero selecionado e ao seu comportamento estilístico, este abordado em termos de grau de *interatividade*. Assim, o artigo procura não só efetivar o referido pressuposto teórico, mas também evidenciar uma característica essencial da linguagem humana, a intersubjetividade, propriedade que, dentre outras acepções, é apreendida na PTI, em linha com Traugott (2003), no sentido da atenção que um locutor dispensa, na estruturação textual, às variáveis que condicionam a interação, via enunciados linguísticos, com um interlocutor.

Em consonância com seus objetivos, o artigo está organizado da seguinte forma: a seção 1 abaixo resume os pressupostos teórico-metodológicos da abordagem diacrônica e apresenta o *corpus* de investigação; a seção 2 sintetiza a trajetória de cada processo e, relacionando-as entre si, formula hipóteses acerca de seu vínculo com a história do gênero em questão; na sequência, são elaboradas as considerações finais e elencadas as referências bibliográficas.

## 1. Pressupostos teórico-metodológicos e material de análise

A abordagem diacrônica aqui adotada (Penhavel; Cintra, 2022) é desenvolvida principalmente a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da PTI (Jubran; Koch, 2006; Jubran, 2007), ramo brasileiro da Linguística Textual (LT), especializado no estudo (sincrônico) da construção do texto, mediante a análise de processos de construção textual tais como organização tópica, referenciação, parafraseamento, repetição, parentetização, uso de marcadores discursivos, dentre outros.

Jubran (2007, p. 313), discutindo os fundamentos epistemológicos da PTI, situa a perspectiva em relação às três principais fases que Koch (2004, p. 3) reconhece no desenvolvimento da LT. De acordo com esta autora, a LT, entre meados das décadas de 1960 e 1970, tem uma orientação sintático-semântica, procurando aplicar à análise de textos métodos semelhantes aos adotados em gramáticas sentenciais, com vistas à formulação de gramáticas textuais. Nessa fase, o foco incide sobre análises interfrásticas, voltadas à descrição de mecanismos gramaticais com função conectiva que poderiam conferir a um conjunto de enunciados o estatuto de texto. Ainda para Koch (2004, p. 13), a partir

de metade dos anos de 1970, a LT assume uma orientação pragmática e, nos anos de 1980, incorpora uma orientação sociocognitivista e interacionista. Segundo Jubran (2007, p. 313), a PTI afasta-se da primeira fase da LT, firmando-se sobre uma integração de princípios das duas fases seguintes.

A PTI associa-se à LT pragmática especialmente no que diz respeito à concepção de que a língua e os textos constituem uma forma de interação social e de realização de ações no mundo. Nessa fase, a língua deixa de ser vista como sistema autônomo. Admite-se que a língua deve ser observada em situações comunicativas reais de uma sociedade e que a atividade verbal envolve uma complexa rede de interconexões com outras atividades não linguísticas. Na mesma direção, o conceito de texto passa a ser visto no processo de interlocução, como atividade sociocomunicativa, para a qual concorrem não só fatores linguístico-textuais como também interacionais (Jubran, 2007, p. 313).

No quadro da LT sociocognitivista e interacionista, a PTI ancora-se, sobretudo, na consolidação do entendimento de que o fenômeno textual não pode ser desvinculado da dimensão interacional, do plano da intersubjetividade, bem como no reconhecimento de que a produção e a interpretação de textos são diretamente dependentes do acionamento, pelos interlocutores, de todo um conjunto de sistemas cognitivos (tipos de conhecimento). Jubran (2007, p. 313) ressalta que, para a PTI, interessa mais de perto o conhecimento sociointeracional, que abrange o conhecimento ilocucional (relativo a tipos de objetivos ou atos de fala e que permite colocar em prática os propósitos comunicativo-interacionais dos interlocutores) e o metacomunicativo (que se refere justamente ao funcionamento dos processos de construção textual e ao seu uso em função de tais propósitos).<sup>7</sup>

Congregando as diretrizes em questão, a seguinte definição sintetiza os principais pontos do conceito de texto assumido na PTI, conceituação que entende o texto como:

[...] manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos coenunciadores, durante a atividade verbal, de modo a permitir-lhes, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais (Koch, 2009, p. 27).

É nesse contexto que a PTI se caracteriza como uma perspectiva que estuda a construção textual, focalizando a estruturação do texto (a formulação e a organização globais de conteúdo informacional) e o seu processamento interacional. Mais especificamente, a PTI estabelece um conjunto de pressupostos teórico-metodológicos, cabendo aqui destacar os seguintes:

- (i) os processos de construção textual têm suas propriedades definidas no uso, nas situações concretas de interlocução, envolvendo as circunstâncias enunciativas; trata-se da compreensão de que a análise completa desses processos depende sempre do contexto específico em que ocorrem;

<sup>7</sup> Como esclarece Jubran (2007), o conhecimento sociointeracional abrange também o conhecimento comunicacional, que diz respeito a normas gerais de comunicação (como as máximas conversacionais) e a conhecimentos que possibilitam, por exemplo, a seleção das informações necessárias para o cumprimento de propósitos comunicativo-interacionais. Também explica a autora que, além do conhecimento sociointeracional, outros sistemas cognitivos acionados na produção e na interpretação de textos são, por exemplo, o conhecimento de mundo dos interlocutores, o conhecimento de estratégias socioculturalmente determinadas como as de preservação de face e polidez, dentre outros tipos de conhecimento.

- (ii) os fatores interacionais são constitutivos do texto e inerentes à expressão linguística, de modo que a PTI concebe e descreve, de forma integrada, a estruturação do texto e seu processamento interacional, entendendo que todo processo opera simultaneamente nesses dois planos;
- (iii) a atuação de um processo no plano da estruturação do texto e sua atuação no plano interacional, embora sempre coocorram, normalmente mantêm entre si uma relação inversamente proporcional, pela qual quanto mais o processo focaliza a estruturação do texto, mais decresce seu correlato interacional, e vice-versa;
- (iv) a construção do texto caracteriza-se por regras não de caráter determinístico (restrições), mas de caráter probabilístico (tendências de uso).

A abordagem diacrônica em questão adota todo o quadro teórico-metodológico da PTI e o amplia, incorporando-lhe princípios específicos para tratamento diacrônico dos processos de construção de textos. A expansão diacrônica da teoria parte, em grande medida, da visão de língua/texto como forma de interação social e de realização de ações no mundo. Para a PTI, segundo Penhavel e Cintra (2022, p. 24), está implicada nessa visão a premissa de que, a cada texto empírico, os processos de construção textual são empregados em conformidade com a ação realizada por esse texto. A abordagem diacrônica funda-se, então, nessa visão de língua/texto e na respectiva premissa destacada, acrescentando-lhes a assunção de que são os gêneros textuais o domínio de organização linguística que define as ações realizadas pelos textos, o que seria especificado pela finalidade sociocomunicativa de cada gênero. A abordagem estabelece, assim, a concepção de que, em cada texto real, os processos se atualizam em função da ação/finalidade que caracteriza o gênero desse texto; entende, portanto, que o uso dos processos (o modo como se materializam nos textos) varia conforme os gêneros.

A partir dessa concepção, a abordagem postula que, se o uso dos processos está vinculado aos gêneros, então, ao longo do tempo, esse uso está sujeito a alterações, de acordo com mudanças que venham a ocorrer nos traços característicos dos gêneros. A abordagem chega, assim, a um de seus princípios teórico-metodológicos centrais: a diacronia dos usos dos processos é parte da história dos gêneros, de tal forma que o estudo diacrônico de um dado processo deve ser sempre circunscrito à esfera da história de um determinado gênero.

A noção de gênero textual da abordagem é a que se encontra em Koch (2003, p. 54) e Marcuschi (2002, p. 22, 2008, p. 161), a qual é amplamente ancorada em Bakhtin (2003, p. 261). Trata-se da noção de que os gêneros são espécies de texto relativamente estáveis, caracterizadas em termos de conteúdo temático, estilo, estrutura composicional e finalidade sociocomunicativa, esta última tomada como propriedade central definidora de um gênero, em torno da qual os demais aspectos se configuram. Penhavel e Cintra (2022, p. 25) destacam o vínculo que a diacronia dos processos textuais mantém com a história da finalidade dos gêneros, bem como de sua estrutura composicional. Nossos dados também apontam nessa direção, ressaltando ainda a conexão entre a diacronia dos processos textuais e a história do *estilo* dos gêneros, aqui entendido, em linha com a referida noção

de gênero, como um padrão de emprego de recursos linguísticos (fonológicos, morfossintáticos, lexicais, textuais) que particulariza um gênero em relação a outros (no que tange a esses recursos) e que instaura nos textos de cada gênero, dentre outros aspectos, um dado grau de explicitação textual do plano da interatividade, promovendo, em diferentes gêneros, materializações textuais mais, ou menos, explicitamente interativas; nessa linha, outros aspectos estilísticos incluem demais padrões linguísticos ligados ao eixo da relação entre locutor e interlocutor, como grau de formalidade do texto, grau de expressividade emotivo-valorativa etc.

Como definido em Penhavel e Cintra (2022, p. 30), a abordagem diacrônica em questão prevê o emprego de metodologia empírica, baseada em análise de dados levantados em *corpus* de investigação. Para isso, nossa pesquisa partiu do material disponível na plataforma de *corpora* do PHPB/PHPP, que, no momento de nosso levantamento de dados, contava, dentre outros materiais, com 21 cartas de leitor do jornal *A Província de S. Paulo*, publicadas em 1875, e 51 cartas do *Correio Paulistano*, distribuídas entre 1854 e 1893.<sup>8</sup> Selecionamos parte dessas cartas para compor uma amostra do século XIX e adicionalmente coletamos um material próprio, para constituir uma amostragem do século XX, estabelecendo, assim, um recorte sincrônico oitocentista e um recorte novecentista para a comparação diacrônica.<sup>9</sup>

Na amostra oitocentista, incluímos 20 cartas do jornal *A Província de S. Paulo*, tomando-o como um dos periódicos mais importantes do estado; isto é, selecionamos quase a totalidade das cartas desse periódico integrantes do *corpus* do PHPB/PHPP.<sup>10</sup> Completamos a amostra com mais 20 cartas do *Correio Paulistano*, considerando-o, com base em Pilagallo (2012, p. 33), como sendo também um dos principais jornais paulistas do período; para escolha dessas 20 cartas (dentre as 51 cartas oitocentistas desse periódico reunidas na plataforma), selecionamos as mais concentradas em torno de 1875, compreendendo, assim, textos publicados no intervalo entre 1863 e 1887. A amostra do século XIX ficou composta, portanto, pelo total de 40 missivas, quantitativo que se mostrou metodologicamente viável para análise e que possibilitou a detecção de padrões de uso dos processos em estudo.<sup>11</sup>

A amostra novecentista foi constituída também por 40 cartas, provenientes do jornal *O Estado de S. Paulo*, por nós extraídas do acervo digital do periódico. Foram coletadas cartas publicadas a partir da edição do jornal de 25 de setembro de 1977, data em que o periódico institui nova prática

<sup>8</sup> A plataforma de *corpora* do PHPB/PHPP pode ser acessada em <https://phpp.fflch.usp.br/corpus>.

<sup>9</sup> Para composição da amostragem novecentista, optamos por levantar uma coletânea própria de cartas, não utilizando o material da plataforma, que, na ocasião, disponibilizava um quantitativo relativamente baixo de exemplares, concentrados no primeiro ano do século XX (16 cartas publicadas em 1901).

<sup>10</sup> O jornal *A Província de S. Paulo* é o mesmo atualmente intitulado *O Estado de S. Paulo*, tendo a mudança de nome ocorrido em 1890, devido à Proclamação da República.

<sup>11</sup> Precisamente, as 40 cartas da amostra do século XIX incluem todas as cartas oitocentistas do jornal *A Província de S. Paulo* reunidas em Castilho da Costa (2010), mais as cartas de Barbosa e Lopes (2006) identificadas, no trabalho destes autores, pelos seguintes números: 240, 241, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 265, 268, 269, 270.

editorial de publicação de cartas (podendo representar momento significativo na trajetória desses textos) e que coincide justamente com espaço de mais ou menos um século em relação à amostra anterior.<sup>12</sup> Começando com a edição dessa data, selecionamos novas edições, com espaço de cinco dias entre uma e outra (estabelecendo os dias 25/09, 30/09, 05/10 e assim por diante, ou dias adjacentes a eles, em não havendo circulação do jornal nesses dias pré-estabelecidos). Foram coletadas todas as cartas de cada dia definido, até a obtenção de 40 exemplares dessa sincronia, o que recobriu espaço equivalente a aproximadamente um mês.<sup>13</sup>

Na seção seguinte, sintetizamos nossa análise dos três processos em pauta, realizada a partir de dados levantados nas duas amostras acima discriminadas.

## 2. Trajetória diacrônica dos processos de construção de textos

### 2.1. Organização tópica

De acordo com a PTI, a organização tópica é o processo nuclear de construção de textos, o “fio-condutor” (Jubran, 2006a, p. 33) da construção textual. É a estruturação de um texto em partes e subpartes, no que diz respeito aos tópicos (temas, assuntos) abordados. Como vem sendo reconhecido em diversos estudos (Guerra; Penhavel, 2010; Oliveira, 2016; Garcia, 2018; entre outros), o processo pode instaurar-se de duas formas básicas: a estruturação de um texto mediante a abordagem de um único tópico; a estruturação de um texto por meio do desenvolvimento integrado de dois ou mais tópicos. Neste segundo caso, o texto inteiro tratará de um mesmo tópico amplo, o tópico global, e estará organizado em dois ou mais fragmentos, cada um desenvolvendo uma especificação temática do tópico global, isto é, um subtópico do tópico global; cada um desses subtópicos poderá compreender a abordagem de dois ou mais tópicos ainda mais específicos (seus próprios subtópicos) e assim por diante, formando uma estrutura tópica hierárquica, abstrata, subjacente à materialidade textual.

O processo de organização tópica prevê que, na materialidade de um texto, cada tópico – tópico global, subtópicos de diferentes níveis, assim como o único tópico de um texto – é desenvolvido por um conjunto de enunciados. Cada um desses conjuntos de enunciados constitui um *segmento tópico* (SegT), sendo nomeado de *SegT mínimo* cada SegT que desenvolve um dos subtópicos mais específicos da hierarquia tópica de um texto.<sup>14</sup> Quando um texto aborda apenas um tópico, conterà um único SegT, que coincidirá com o próprio texto inteiro – mais exatamente, nesse caso o texto todo será equivalente à unidade do SegT mínimo.

<sup>12</sup> Conforme nota da edição de 25/09/1977 do jornal, em sua página 2, as cartas de leitor, até então sem local fixo na configuração do jornal, passam a ser publicadas, a partir dessa data, sempre nessa página, em coluna própria.

<sup>13</sup> As 40 cartas da amostra noventa e sete compreendem todas as cartas dos seguintes dias de 1977 (com exceção da última destas edições, da qual foram suficientes as três primeiras cartas, para completar o total de 40 exemplares): 25/09, 30/09, 05/10, 11/10, 15/10, 20/10, 25/10, 30/10, 05/11. Essas cartas podem ser acessadas no acervo digital do jornal: <https://www.estadao.com.br/acervo>.

<sup>14</sup> No caso de um texto com mais de um tópico, uma vez que esse texto envolve uma estrutura tópica hierárquica, o fragmento textual que desenvolve um dado tópico é, naturalmente, a soma dos fragmentos que desenvolvem eventuais subtópicos de tal tópico.

São distinguidos dois níveis de funcionamento da organização tópica: o nível intertópico, que é o relacionamento entre tópicos e entre seus respectivos SegTs; e o nível intratópico, a combinação de (sub)grupos de enunciados dentro de SegTs mínimos, isto é, a estruturação interna de SegTs mínimos. Quando um texto abrange dois ou mais tópicos, ele acionará tanto a organização intertópica (para o relacionamento entre seus tópicos/SegTs), quanto a intratópica (para a estruturação interna de seus SegTs mínimos). Quando um texto desenvolve apenas um tópico, será implementado apenas o nível da organização intratópica (para a estruturação interna do único SegT mínimo desse texto, que, no caso, coincidirá com o próprio texto inteiro). Em nosso material de análise, cada uma das cartas de ambas as sincronias desenvolve um único tópico, formando, pois, um único SegT mínimo, de modo que todos os textos implementam apenas o nível da organização intratópica.

Nossa pesquisa revelou que as cartas oitocentistas analisadas seguem uma regra geral (um padrão) de organização intratópica, regra essa que prevê a construção de SegTs mínimos (no caso, a construção das próprias cartas inteiras) mediante o encadeamento das unidades de *abertura*, *explicação*, *avaliação* e *interpelação*, nessa ordem sequencial, podendo cada SegT mínimo – ou seja, cada carta inteira – conter as quatro unidades, três, duas ou uma delas (com exceção da ocorrência única da abertura); esse esquema intratópico foi constatado em percentual expressivo das cartas (82,5% dos textos, isto é, o esquema foi encontrado em 33 exemplares, do total de 40), o que permite considerá-lo como regra geral.<sup>15</sup> A carta em (1) organiza-se segundo essa regra:

- (1) [ABERTURA] Companhia de Navegação Paulista || Senhores Redactores. – Li por duas vezes, no 1  
jornal de vossassenhorias, reclamações sobre a irregularidade dos vapores desta companhia e da 2  
desconsideração com que se tratava os Paulistas [...]. || Vi no Diario uma defesa, em favor da 3  
companhia [...]. Chegou, porém, a minha vez de examinar de que lado está a razão e verifiquei 4  
infelizmente que está da parte dos queixosos que tem vindo á Provincia. || 5
- [EXPLICAÇÃO] Tendo de ir á côrte indaguei de alguns amigos quando haveria vapor para lá e me 6  
foi dito que sahia a 11 do corrente, o que por mim foi verificado tambem no Diario de Santos [...]. 7  
|| Assim, disponho a minha viagem, sahi de Campinas e ao chegar á São Paulo, soube aqui que em 8  
uma noticia do Diario de hoje se dizia ter o vapor adiado a viagem para amanhã!!!! || Em vista do 9  
que, sabendo que em Santos ha febre amarella, deixei-me ficar nesta cidade, perdendo a viagem para 10  
Santos e fazendo despeza com hotel, etc., etc. || 11
- [AVALIAÇÃO] Na verdade, como disse o primeiro informante na Provincia, a companhia de 12  
Navegação Paulista só é Paulista no nome. || Estas transferencias, para quem mora no centro são 13  
muito desagradaveis e causam dispendios desnecessarios. || 14
- [INTERPELAÇÃO] Queiram vossas senhorias publicar estas poucas linhas que tem o merito de 15  
auxiliar a verdade de seus anteriores informantes e pôr de aviso aos caipiras como este seu creado. 16  
São Paulo, 11 de Março de 1875. (*A Provincia de S. Paulo*, 11 de março de 1875). 17

<sup>15</sup> As cartas que não atendem à regra geral (no caso do material oitocentista, os demais sete exemplares) exibem formas diversificadas de organização intratópica, não configurando padrões de uso.

Cada uma dentre as unidades de abertura, explicação, avaliação e interpelação é formada por um, ou mais de um, enunciado, e constitui uma fase de desenvolvimento do tópico da carta, sendo o tópico uma determinada situação abordada em todo o texto e normalmente tomada pelo escrevente como um problema.

A abertura introduz o tópico. A unidade propicia uma síntese (ora mais vaga, ora mais precisa) da situação tratada na missiva.<sup>16</sup> Em (1), ilustram a unidade as linhas 1-5, quando o escrevente sintetiza que existiria uma situação de irregularidade nas saídas das embarcações de dada companhia e de desconsideração da empresa com os clientes, situação focada no restante do texto, constituindo o tópico, e tomada como um problema.

A explicação relata a própria situação-tópico ou uma situação relacionada à situação-tópico. Em (1), pode-se identificar essa unidade nas linhas 6-11. Nesse fragmento, o escrevente relata que teria adiado uma viagem e enfrentado os percalços consequentes, situação que se relaciona à situação-tópico, ilustrando-a, no caso. A avaliação é dedicada a expressar um posicionamento do escrevente sobre a situação-tópico em si ou sobre algum aspecto ou desdobramento dessa situação. Ocorre avaliação em (1), nas linhas 12-14, com o escrevente qualificando negativamente a situação-tópico, como se pode notar, de modo mais evidente, no trecho “Estas transferencias [...] são muito desagradáveis e causam dispendios desnecessários”.

Por fim, a interpelação (crucial para os efeitos deste artigo) é uma unidade na qual o escrevente está expressamente focado em tentar levar alguma instância a realizar uma ação que ajude a resolver a situação-tópico. Em (1), pode ser reconhecido como interpelação o trecho nas linhas 15-17, em que o escrevente faz uma solicitação, a de que o redator publique sua carta, como contribuição para a resolução do problema em pauta.<sup>17</sup>

A interpelação recobre solicitações (caso mais comum), súplicas, recomendações, enfim, ações linguísticas que podem ser reunidas sob a função geral de tentar levar alguma instância a realizar uma ação. A interpelação prototípica caracteriza-se pelo predomínio da *sequência textual injuntiva*, e, nesse sentido, seu principal recurso linguístico é o foco em enunciado que realize ato de fala diretivo de comando, como em (1). Os diretivos caracterizam-se justamente como “tentativas [...] do falante de levar o ouvinte a fazer algo” (Searle, 2022, p. 21), o que abrange geralmente as interrogações (perguntar, questionar etc.) e os comandos (pedir, ordenar etc.), sendo estes últimos os que marcam a interpelação prototípica.

A carta em (2), ainda do século XIX, também ilustra as unidades da regra geral:

<sup>16</sup> A síntese pode estar concentrada numa expressão nominal, num enunciado ou estar diluída ao longo da abertura. Também é comum a unidade conter cumprimentos ao redator e/ou uma contextualização da situação em pauta.

<sup>17</sup> Guerra (2022) identifica recursos linguísticos caracterizadores das unidades da regra geral. Neste artigo, focamos a relação da diacronia da organização tópica com a história do gênero textual selecionado (e com a diacronia da parentetização e da repetição), não detalhando a caracterização das unidades, o que pode ser lido naquele trabalho.

- (2) [ABERTURA] *Senhor* Redactor: || Vocemecê é homem da imprensa, vive sempre preocupado com as poesias e não ha de saber do que se passa no mundo de chilra prosa em que eu e minhas comadres vivemos. Pois, eu quero sempre dar-lhe uma prosinha do meu mundéo para que *vossa mercê* faça uma pequena idéa dos transtornos em que vivemos. ||
- [EXPLICAÇÃO] O meu Chico, as pequenas familias e eu, estamos avesados ao feijão e não passamos sem elle [...]. Mas agora [...] estão os *senhores* vendeiros desavergonhados como nunca se viu; pois eu não sei como [...] esses judéus do inferno pedem tanto dinheiro pelo nosso estimadissimo feijão. [...] || Dantes quatro vintens de feijão era quasi um balaio, agora é um fiapinho [...]. ||
- [AVALIAÇÃO] Ora isto assim não se póde mesmo aturar. Diz-me um dos meus filhos [...] que esta careza é por via desses atravessadores. Não sei que historia é essa [...] seja como fôr eu não sei com que malevolencia se ha de agora atravessar o feijão. Que vão atravessar paraguayos, raça de judas. ||
- [INTERPELAÇÃO] Em fim de contas eu o que quero é providencias sérias. [...] por isso rogo a *vossa mercê* que atice a policia nesses miliantes e dê com elles no chelindró. [...]. (*Correio Paulistano*, 24 de abril de 1865). ||

O material do século XX também exhibe uma regra intratópica, observada no percentual expressivo de 77,5% das missivas (31 de 40 exemplares), sendo possível reconhecê-la como a mesma regra do século anterior, porém com alterações diacrônicas. A carta em (3) exemplifica a regra no material novecentista:

- (3) [ABERTURA] Sr. Redator || Em vista das recentes declarações do Governador do Estado e do Secretário da Segurança Pública a respeito do movimento estudantil, sinto-me na obrigação como membro da Juventude da ARENA e estudante de Direito de prestar alguns esclarecimentos e avivar certas lembranças. ||
- [EXPLICAÇÃO] Com a indicação do General Geisel para a Presidência da República, a juventude foi incentivada a participar da política. A esse chamamento responderam milhares de jovens que se filiaram a ambos os partidos. Veio 1974 e o MDB obteve uma vitória triunfal nas eleições. O governo e a ARENA uma vitória moral, pela lisura do pleito e pelo respeito a seus resultados.. Em janeiro de 1975 começa a cair a censura aos principais órgãos de imprensa. [...]. Chegamos então, arenistas e emedebistas, já meio sem fôlego às vésperas das eleições municipais de 1976. [...]. Mas eis que em abril veio a tromba d'água sobre todos e, principalmente, sobre os jovens. Foi quando o governo fechou o Congresso [...]. Foi a partir daí que ganharam evidência os movimentos estudantis. [...]. ||
- [AVALIAÇÃO] Agora o que vejo, são milhares de jovens como eu, reivindicando e gritando slogans que sinceramente não posso tachar de comunistas. Mas por que gritam e saem às ruas? Por não terem onde atuar, por onde reivindicar. [...]. (*O Estado de S. Paulo*, 15 de outubro de 1977). ||

Em (3), a situação-tópico pode ser entendida como a imagem negativa do movimento estudantil. Desse modo, as linhas 1-4 constituem abertura. Aí, o escrevente introduz/sintetiza a questão, ao

afirmar que, a respeito do movimento estudantil, sentir-se-ia obrigado a prestar esclarecimentos e avivar lembranças. As linhas 5-12 formam uma explicação, pois elaboram um relato ligado à situação-tópico, no caso, narram a história do movimento. As linhas 13-15 são uma avaliação, ao se concentrarem no julgamento da situação-tópico, veiculando reflexões que justificariam o movimento e contestariam sua imagem negativa. A carta em (4), também do século XX, novamente segue a regra em pauta, contendo explicação e interpelação:

- (4) [EXPLICAÇÃO] Sr. Redator || De uns tempos para cá, um trecho da R. Silvia (Bela Vista) a partir da R. Dr. Seng, ficou mão de direção no sentido cidade-bairro. Acontece que nessa esquina, a Dr. Seng é curva e rampa e lá existe um hospital (obviamente zona de silêncio), e todos os carros, caminhões, motos, geralmente com o escapamento aberto produzem a famosa “poluição sonora”. ||
- [INTERPELAÇÃO] Venho pedir ao Diretor de Trânsito, Dr. Scaringela, que faça com que toda a R. Silvia volte a ter a mão de direção como sempre teve, no sentido bairro-cidade [...]. (*O Estado de S. Paulo*, 11 de outubro de 1977).

Ao mesmo tempo em que as cartas novecentistas seguem o que se pode reconhecer como a mesma regra de organização intratópica das cartas oitocentistas, há também mudanças significativas, que se verificam nos percentuais de uso das unidades de abertura e interpelação. Explicação e avaliação mantêm frequências essencialmente estáveis: no material do século XIX, a frequência de emprego da unidade de explicação, em relação ao total de cartas que seguem a regra geral, é de 75,8% (isto é, no total de 33 cartas que seguem a regra, 25 delas empregam a explicação), e a frequência da avaliação é de 69,7% (23/33); no século XX, os percentuais dessas unidades são, respectivamente, 87,1% (27 exemplares, do total de 31 que seguem a regra novecentista) e 83,9% (26/31). Já a frequência da abertura cai de 45,4% (15/33) para 19,3% (6/31), e a da interpelação diminui de 63,6% (21/33) para 29% (9/31).

As tendências de conservar explicação e avaliação e de reduzir o uso de abertura e interpelação se confirmam quando são considerados também os dados de Oliveira (2016), que aplica o mesmo tipo de análise tópica a cartas de leitor paulistas do século XXI. A autora detecta um padrão intratópico que pode ser visto como continuidade da regra dos séculos XIX e XX, consolidando as tendências por nós percebidas, já que o padrão constatado pela autora nas cartas do século XXI: (i) conserva explicação e avaliação, em frequências altas (aparecendo essas unidades, respectivamente, em 82,2% e 93% das cartas que atendem ao padrão intratópico do período); (ii) elimina a abertura; (iii) mantém a interpelação, porém, em percentual muito baixo (ocorrendo essa unidade em apenas 6,9% dos textos que seguem o padrão).<sup>18</sup>

Esses fatos atestados sobre a organização tópica nos levam a delinear (reconstruir), em caráter de hipótese, um trajeto histórico que a finalidade sociocomunicativa das cartas teria percorrido – e

<sup>18</sup> Também no material de Oliveira (2016), cada carta desenvolve apenas um tópico, equivalendo a um único SegT mínimo.

que estaria justamente entre as causas de tais fatos. Note-se que a explicação e a avaliação focalizam a *discussão* do tópico: a explicação faz um relato sobre o tópico, e a avaliação argumenta a respeito (normalmente com base na unidade de explicação). A permanência diacrônica dessas duas unidades, em frequências altas, indica, portanto, que um traço que seria elementar e que se manteria na finalidade das cartas seria o objetivo de *discutir um tópico*. A interpelação, por sua vez, envolve normalmente uma solicitação. A alta incidência dessa unidade em cartas oitocentistas sugere, pois, que a finalidade dessas missivas abrangeria também o objetivo de fazer uma solicitação, integrado ao de discutir um tópico. A finalidade dessas cartas poderia ser caracterizada essencialmente como *discutir um tópico para sustentar uma solicitação a respeito*. Em contrapartida, a redução diacrônica de uso (quase eliminação) dessa unidade indicaria que a finalidade das cartas atenuaria (quase perderia) o objetivo da solicitação e passaria a focar o objetivo, em si, da discussão, isto é, a finalidade passaria a ser *discutir um assunto como forma de manifestar opinião*. Também a eliminação da abertura é condizente com essa hipótese de mudança de finalidade. Dedicada à introdução do tópico, a abertura não é uma unidade voltada primordialmente à argumentação, tornando-se suscetível à eliminação diante de uma progressiva focalização do objetivo de expressão de opinião.

Em suma, nossa hipótese é a de que, do século XIX ao XX/XXI, as cartas conservariam a finalidade de discutir um tópico, o que estaria refletido na manutenção relevante da explicação e da avaliação. Porém, essa discussão deixaria de ser principalmente a base para uma solicitação e passaria a figurar, sobretudo, como expressão de opinião, motivando o desfavorecimento da interpelação, bem como a eliminação da abertura.

Os dados diacrônicos sobre a organização tópica ainda indicam que a essa mudança de finalidade estaria associada uma alteração fundamental no que tange ao estilo das cartas: o gênero passaria de um estilo mais interativo, mais apelativo, com maior presença, na superfície dos textos, de marcas explícitas de intersubjetividade, para um estilo menos interativo. Ou seja, na trajetória das cartas, a finalidade de discussão e solicitação estaria associada a um texto no qual a interação locutor-interlocutor se introjeta mais explicitamente na superfície textual, em consonância com o objetivo de solicitação, dirigida pelo escrevente a um dado destinatário. Por sua vez, a finalidade de discussão como expressão de opinião, não envolvendo uma demanda explícita endereçada a um dado interlocutor, estaria atrelada a uma materialização textual mais centrada no próprio conteúdo tópico, menos diretamente focada na relação locutor-interlocutor.<sup>19</sup>

As trajetórias dos três processos em análise sugerem que o gênero teria passado por essa mudança estilística, a qual, enfim, seria justamente um dos fatores dessas trajetórias. No caso da organização tópica, a redução de uso da interpelação, principal alteração que estaria vinculada à mudança de finalidade delineada, aponta também para tal mudança estilística. Uma das principais características da interpelação é o foco no uso de ato diretivo de comando, conforme explicado. Por outro lado,

<sup>19</sup> A ideia de um estilo mais e de um menos interativo não significa qualquer visão de que a língua possa ser usada independentemente da relação locutor-interlocutor. Na verdade, a ideia segue o princípio da PTI da gradiência textual-interativa dos fenômenos de construção de textos, o qual, sem deixar de reconhecer a natureza sempre intersubjetiva da linguagem, concebe a possibilidade de focalização do plano textual ou do interacional a cada instância de um processo de elaboração de texto.

cada uma das demais unidades se caracteriza por conter atos assertivos, de forma amplamente predominante, muitas vezes exclusiva, como se nota nos exemplos de (1) a (4).<sup>20</sup> Penhavel e Zanin (2020, p. 90) desenvolvem uma discussão detalhada argumentando que, do ponto de vista da PTI, pode-se considerar que atos diretivos tendem a evidenciar o plano interativo mais do que o fazem os assertivos. Admitindo essas tendências, podemos, então, reconhecer que a diminuição no emprego (quase perda) da interpelação (unidade assentada em diretivo de comando) representa uma atenuação (explícita e substancial) do teor interativo das missivas.

Os autores admitem o caráter normalmente mais interativo dos diretivos por se tratar de atos pelos quais *o falante* tenta levar *o ouvinte* a fazer algo (Searle, 2002, p. 21). Investigando cartas de redator, apuram os autores que, nesses textos, o redator do jornal, por atos diretivos, faz requisições aos assinantes (como a cobrança de assinaturas) e recomendações (como a leitura de matérias). Já o estatuto menos interativo dos assertivos atrela-se a sua definição como atos pelos quais *o falante se compromete* com a verdade de uma afirmação (Searle, 2002, p. 19). Nas cartas de redator, tais atos servem para justificar posicionamentos editoriais do próprio jornal. Similarmente, em nossas cartas, por meio de assertivos, *o escrevente formula sua própria opinião* sobre um tópico, enquanto, mediante diretivos, realiza a tarefa mais explicitamente interativa de *dirigir uma solicitação a um destinatário*. Daí a ideia de que a redução diacrônica no uso da interpelação estaria associada à mudança estilística em questão.

A seguir, mostramos que também as trajetórias da parentetização e da repetição são compatíveis com a hipótese de alteração estilística das cartas.

## 2.2. Parentetização

Nos termos de Jubran (2007, p. 321), a parentetização consiste na inserção, no decorrer de um texto, de “informações paralelas ao desenvolvimento do tópico sobre o qual os interlocutores centram a elaboração de suas falas”. O processo se define em relação a dois traços principais: (i) o *desvio tópico*, uma vez que uma inserção parentética promove a suspensão de um tópico, encaixando breves segmentos em seu interior, e (ii) sua *dimensão pragmática*, já que os parênteses materializam no texto, em diferentes graus, a atividade interacional. Para o presente trabalho, analisamos o material das duas sincronias em pauta, observando as configurações formais e as funções dos parênteses, aspectos centrais na descrição do processo.

Com base em Jubran (2006b, p. 308), levamos em conta, na caracterização da configuração formal dos parênteses, três ordens de traços textuais: (i) as marcas gráficas de delimitação parentética; (ii) as fronteiras sintáticas de ocorrência dos parênteses; (iii) a constituição formal dos segmentos parentéticos. Nossa análise revela que, em relação a esses aspectos, a parentetização exhibe comportamento similar na comparação entre as duas amostras observadas.

<sup>20</sup> Como na definição de interpelação, referimo-nos à taxonomia de atos de fala de Searle (2002), em que assertivos e diretivos são tipos básicos de atos (ao lado de compromissivos, expressivos e declarativos).

Em relação às marcas gráficas, ajudam a delimitar as inserções parentéticas, em cada uma das amostras, essencialmente vírgulas, havendo também casos de travessão e o próprio uso dos sinais de parêntese. As ocorrências em (5) e (6), dos materiais oitocentista e novecentista, respectivamente, ilustram parênteses delimitados por vírgulas (destacados em negrito):

- (5) [...]. Poucas horas depois, os srs. Fonseca, Sant'Anna e José Fernandes, **empregados da companhia de Melhoramentos**, procuraram-me e propuzeram a venda do escravo, que não pôde effectuar-se por não chegarmos a accordo sobre preço. [...]. (*A Província de S. Paulo*, 21 de setembro de 1875).
- (6) Sr. Redator || Enviamos ao general Golbery do Couto e Silva, **ministro chefe do Gabinete Civil**, carta em que pedimos o apoio de S Exa para os seguintes projetos de proteção aos animais e que se encontram em tramitação na Camara e no Senado Federal [...]. (*O Estado de S. Paulo*, 11 de outubro de 1977).

No que tange às fronteiras sintáticas, Jubran (2006b, p. 311) identifica as seguintes posições de ocorrência de parênteses: entre constituintes frasais, entre unidades frasais, entre a primeira e a segunda parte de pares adjacentes, entre segmentos textuais com estruturas anacolíticas. Nossa análise apurou que as amostras das duas sincronias apresentam inserções parentéticas entre constituintes frasais e entre unidades frasais (não se verificando as outras opções); os dados analisados revelam ainda parênteses no início e no fim de unidades frasais. Ambos os parênteses em (5) e (6) situam-se, por exemplo, entre constituintes frasais.

Quanto à constituição formal, Jubran (2006b, p. 319) elenca a ocorrência de parênteses constituídos por sintagmas nominais, frases simples, frases complexas, marcadores discursivos e pares adjacentes. Nosso levantamento identificou, nas duas sincronias, parênteses dos três primeiros tipos, não sendo verificados os dois últimos tipos.<sup>21</sup> Como ilustração, os exemplos em (5) e (6) mostram, em ambos os séculos, parênteses formados por sintagma nominal.

Como mencionado, os dados sugerem, ao longo do período observado, comportamento estável da parentetização quanto à configuração formal. De fato, as mudanças de finalidade e estilo delineadas acima em relação ao gênero carta de leitor, a nosso ver, não tenderiam a implicar alterações nos aspectos formais analisados. Ademais, certos traços das cartas de leitor que são básicos do gênero e que se mantêm no período contribuiriam para a atestada estabilidade formal dos parênteses.

A esse respeito, é relevante notar que o gênero, em todo o período, situa-se no domínio da escrita, com meio de produção gráfico e concepção discursiva escrita (ver Marcuschi (2008, p. 192)), expressa-se como texto monologal, envolve razoável grau de planejamento e tem como suporte o jornal escrito. Tal perfil certamente colabora para a ausência de parênteses formados por marcadores discursivos e pares adjacentes, mais típicos de gêneros ligados à fala e com diálogo entre interlocutores – tendo em vista os tipos de marcadores que Jubran (2006b, p. 320) aponta como inserções parentéticas (como *entendeu?*, *está claro?*, *você vê*). No mesmo sentido, no que respeita a

<sup>21</sup> Nas duas sincronias, ocorreram também parênteses formados por sintagmas adjetivais e preposicionados.

suas fronteiras, os parênteses levantados não envolvem rupturas sintáticas dos segmentos em que se encaixam, fato compatível com traços como a filiação do gênero carta de leitor ao domínio da escrita, seu grau de planejamento e seu suporte, aspectos que, ao mesmo tempo, tendem a ser desfavoráveis, por exemplo, à ocorrência de parênteses entre segmentos textuais com estruturas anacolúicas, opção, de fato, não identificada nas amostras. Ainda, o meio de produção gráfico, sempre caracterizador do gênero, explicaria a continuidade das mesmas marcas de delimitação parentética ao longo do período em análise.

Por outro lado, no que tange às funções dos parênteses, embora a análise indique alguma estabilidade diacrônica, desvela também a existência de alteração significativa, compatível com nossa hipótese de mudança estilística das cartas. Jubran (2006b, p. 326) distingue quatro classes de parênteses em termos de suas funções:

- (a) parênteses com foco na elaboração tópica: expressam especificações acerca do tópico em pauta, focalizando o próprio conteúdo tópico, as formulações linguísticas sobre o tópico ou a estrutura tópica do texto. Realizam funções como esclarecimento, ressalva, explicitação do significado de palavras e marcação de retomada de tópico;
- (b) parênteses com foco no locutor: inserções pelas quais o falante se introjeta no texto que produz, focalizando representações suas acerca de seu papel de locutor-instanciador do discurso e estabelecendo o foco enunciativo a partir do qual são perspectivados os tópicos abordados no texto. Desempenham funções como manifestação atitudinal do locutor em relação ao tópico, qualificação do locutor para discorrer sobre o tópico e indicação da fonte enunciativa do discurso;
- (c) parênteses com foco no interlocutor: materializam a presença do interlocutor no texto e fazem referência a condições enunciativas que garantem a possibilidade de intercâmbio verbal. Incluem funções como evocar conhecimento partilhado do tópico, chamar a atenção do interlocutor para um elemento do tópico e atribuir qualidades ao interlocutor para a abordagem do tópico;
- (d) parênteses com foco no ato comunicativo: promovem um grau máximo de desvio tópico e focalizam o ato comunicativo que está em processo, colocando em primeiro plano a própria situação de interação verbal. Compreendem funções como sinalização de interferências de dados externos ao ato comunicativo e negociação de turnos.

No contexto deste trabalho, um aspecto crucial dessas classes, conforme estabelecidas por Jubran (2006b, p. 326), é o de que, da classe *a* em direção à *d*, elas se relacionam conforme um contínuo que parte de uma funcionalidade mais textual, centrada na organização informacional do texto, e segue *um progressivo aumento de foco no plano interacional*. As classes de *a* a *d* representam, nessa ordem, um gradativo aumento da “manifestação explícita das circunstâncias situacionais da interlocução” (Jubran, 2006b, p. 325). Segundo a autora, a disposição das classes nessa ordem reflete uma gradação que parte de

maior proximidade ao tópico discursivo e menor explicitação verbal do pragmático no texto (classe a), passando por classes intermediárias (b e c), em que se acentua na superfície lingüística do texto a presença do locutor e do interlocutor, provocando um desvio para a instância de enunciação, até chegar ao afastamento tópico máximo e à aproximação maior do ato interacional em si (classe d) (Jubran, 2006b, p. 326).

Ou seja, de *a* a *d*, dispõem-se classes cada vez mais interativas de parênteses.

Nas amostras das duas sincronias em pauta, não ocorrem inserções parentéticas da classe *d*, mais comuns, de fato, em gêneros em que há diálogo e em que locutor e interlocutor se encontram face a face, compartilhando o mesmo ambiente comunicativo, o que não se aplica às cartas de leitor. As outras três classes ocorrem em ambas as amostras. Os parênteses em (5) e (6), acima, pertencem à classe *a* e realizam a função de esclarecimento. Já as ocorrências em (7) e (8), respectivamente dos materiais oitocentista e novecentista, encaixam-se na classe *b*, a primeira exercendo a função de manifestação atitudinal do locutor em relação ao tópico e a segunda, a de qualificação do locutor para discorrer sobre o tópico:

- (7) [...]. Mal informado (**porque não me assiste o direito de chamal-o malevolo**) andou o *Diario*. Eu não ponho obstaculos á liberdade do escravo Franklin, exijo apenas por ella o seu preço razoável [...]. (*A Província de S. Paulo*, 21 de setembro de 1875).
- (8) [...]. **Como brasileiro, acostumado a ver a falta de cerimônia com que pessoas, empresas e mesmo organismos oficiais agridem a natureza em nosso País, com enormes prejuízos para a atual e para as futuras gerações**, não vislumbrei no discurso do Sr. Sérgio Cardoso de Almeida se-não generalidades óbvias, acusações não fundamentadas, exaltações subjetivas, declarações de intensões e garantias não explicitadas. [...]. (*O Estado de S. Paulo*, 05 de outubro de 1977).

Por sua vez, as inserções em (9), do século XIX, e (10), do século XX, são ambas da classe *c* e assumem as funções de chamar a atenção do interlocutor para um elemento do tópico e evocar conhecimento partilhado, respectivamente:

- (9) [...]. O compadre passa um vidão, mora no meio da abundancia, sente o aroma das flores, e das arvores, bebe boa e cristalina agua (**Não repare, poetissimo compadre**), **neste estylo que é muito geral nesta cidade**).<sup>22</sup> || Como ia dizendo, come boa carne de porco, ou de gorda vitella, passeia no seu pomar [...]. (*Correio Paulistano*, 21 de janeiro de 1864).
- (10) Sr. Redator: || **Como V. Sa. sabe** a maioria dos investimentos tem preferência pelas Cadernetas de Poupança do que aplicar seus recursos na Bolsa de Valores. [...]. (*O Estado de S. Paulo*, 20 de outubro de 1977).

<sup>22</sup> A divergência entre a abertura e o fechamento dos sinais de parêntese verifica-se na própria carta original.

Embora cada uma das amostras contenha parênteses das classes *a*, *b* e *c*, nossa análise identificou que esses materiais exibem diferença significativa entre si no que diz respeito aos percentuais de ocorrência dessas classes. No material oitocentista, em relação a um total de 81 ocorrências de parênteses identificadas, as classes *a*, *b* e *c* verificam-se nas seguintes frequências percentuais, respectivamente: 46,9% (38 de 81 ocorrências), 30,9% (25/81) e 22,2% (18/81). Na amostra novecentista, relativamente a um total de 102 parênteses, essas classes exibem os seguintes percentuais, respectivamente: 70,6% (72/102), 28,4% (29/102) e 1% (1/102).

Esses dados não deixam de indicar alguma estabilidade funcional do processo de parentetização, já que, em ambas as sincronias, predominam inserções da classe *a*. No entanto, destaca-se uma mudança: do século XIX para o XX, nota-se *significativa diminuição do teor interativo da parentetização*. O emprego de parêntese com foco no interlocutor (a classe mais interativa das três presentes nas amostras) cai de 22,2% para 1% (havendo, na amostra do século XX, uma única ocorrência, transcrita em (10)). Trata-se não só de uma redução de 21,2 pontos percentuais, em si já expressiva, mas também (e principalmente) de uma queda que resulta, praticamente, na eliminação desse tipo de parêntese no material novecentista. Além disso, o percentual da classe *a* tem aumento maior do que esses 21,2 pontos, enquanto a frequência da classe *b* diminui, o que significa que o percentual que deixa de incidir sobre a classe *c* não se distribui entre as classes *a* e *b*, mas se concentra totalmente na classe *a*, que é menos interativa que a classe *b* e, na verdade, a menos interativa dentre todas as classes. Também o resultado particular da classe *b* atesta a mesma mudança em destaque. A princípio, sendo os percentuais da classe muito próximos entre si na comparação das duas amostras (30,9% e 28,4%), pode parecer que a representatividade da classe seria a mesma nos dois materiais. Porém, o índice de 30,9% da classe *b* no século XIX encontra-se consideravelmente mais próximo do percentual de 46,9% da classe predominante desse período (encontrando-se a 16 pontos percentuais abaixo desse percentual dominante), enquanto o índice de 28,4% da classe *b* no século XX distancia-se, de forma mais proeminente, do percentual de 70,6% da classe dominante dessa sincronia (ficando 42,2 pontos abaixo desse índice prevalente). Ou seja, a classe *b* perde relevância diante da classe *a* na passagem da sincronia oitocentista para a novecentista.

Com efeito, esses fatos sugerem uma significativa atenuação diacrônica do teor interativo da parentetização (em favor de seu caráter focado no tópico). A mudança é depreensível de todos os fatos apontados, especialmente da expressiva redução de uso (quase eliminação) de parêntese com foco no interlocutor. Segundo Jubran (2006b, p. 345), parênteses dessa classe “preenchem uma função fática e são, sob esse aspecto, *acentuadamente interacionais*” (grifo nosso).

Portanto, ao identificar a mitigação diacrônica do caráter interativo dos parênteses, nossos dados mostram um aspecto da trajetória da parentetização que, a exemplo do percurso da organização tópica, seria compatível com a mudança de finalidade acima delineada e, mais diretamente, com a correlativa alteração estilística, que envolveria exatamente a passagem de um estilo mais para um estilo menos interativo.

### 2.3. Repetição

Nossa pesquisa indica que, no transcorrer do século XIX ao XX, o funcionamento do processo de repetição mantém-se estável, na maior parte de seus aspectos, embora apresente uma mudança marcante, também indicativa de nossa hipótese de alteração estilística das cartas. Marcuschi (2006, p. 221), no contexto da PTI, define a repetição como “a produção de segmentos textuais idênticos ou semelhantes, duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo”, reconhecendo a configuração formal dos segmentos repetidos e suas funções como os dois principais aspectos na caracterização do processo. Assim, em nossa pesquisa, comparamos as repetições do material oitocentista com as da amostra novecentista, observando esses dois aspectos e considerando cada carta um evento comunicativo.

Com base no autor, levantamos os seguintes tipos de repetição, em termos de configuração formal: (i) repetição de palavras (simples ou compostas), incluindo substantivos, adjetivos, verbos, advérbios e pronomes; (ii) repetição de construções subordinacionais, abrangendo a repetição de sintagmas, a repetição da junção de sintagmas, bem como a repetição de padrões estruturais de segmentos subordinacionais (paralelismo subordinacional); (iii) repetição de construções oracionais, compreendendo a repetição de oração e de padrão (paralelismo) oracional.

Quanto a essas configurações, os resultados evidenciam um funcionamento estável da repetição no período em tela. Em ambas as amostras, ocorrem repetições dos três tipos. No material do século XX, as frequências dos tipos de repetição são similares às respectivas frequências da amostra do século XIX, verificando-se, nos dois casos, predomínio da repetição de palavras, índices um pouco mais inferiores de repetição de segmentos subordinacionais e índices muito baixos de repetição de orações – a nosso ver, a prevalência dos dois primeiros tipos é, de fato, esperada, já que construções oracionais, em geral contendo carga informacional maior e mais específica, seriam menos propensas à repetição. No material oitocentista, a repetição de palavras, a de construções subordinacionais e a de construções oracionais ocorrem nas seguintes frequências, respectivamente: 56,9% (274 ocorrências do total de 482 repetições encontradas na amostra), 40% (193/482) e 3,1% (15/482). No material novecentista, as respectivas frequências são: 52,5% (223/425), 45,2% (192/425) e 2,3% (10/425).

Nos exemplos acima, podem ser vistas várias repetições. Em (1), do século XIX, encontra-se o sintagma “Companhia de Navegação Paulista” na linha 1, seguido de duas repetições da palavra “companhia”, nas linhas 2 e 4, e de uma repetição do sintagma inteiro (com ligeira variação) nas linhas 12-13. Em (3), da amostra novecentista, a palavra “jovens” aparece na linha 6, sendo repetida nas linhas 11 e 13, e o sintagma “o movimento estudantil”, usado na linha 2, é repetido (com pequena diferença) na linha 12. Já o fragmento em (11) ilustra a repetição de construção oracional. O caso inclui duas ocorrências da oração “somos a favor”, ambas repetições (com leve alteração) da oração “somos apenas a favor”, envolvidas também na instauração de paralelismo oracional, pela reiteração da estrutura “somos a favor de x”:

- (11) [...]. Existem inúmeras entidades, governamentais ou particulares, que cuidam dos problemas e das necessidades dos nossos semelhantes, mas quem se preocupa com os animais? Somos acusados de perseguir caçadores e pescadores, e de sermos contra a prática de esportes e contra o progresso em geral. Na realidade não somos contra coisa alguma. **Somos apenas a favor. Somos a favor da** preservação dos recursos naturais, do equilíbrio ecológico, do meio ambiente, e da melhor qualidade de vida para todas as pessoas. Em resumo, **somos a favor da** Natureza. Por isso defendemos os animais. [...]. (*O Estado de S. Paulo*, 11 de outubro de 1977).

Em termos de funções, Marcuschi (2006, p. 232) postula que as repetições podem atuar em diferentes planos da organização textual-interativa, dentre os quais cabe destacar os seguintes: (i) o plano da coesividade, no qual as repetições realizam funções como sequenciação e referenciação; (ii) o plano da topicalidade, em que exercem funções como introdução, continuidade e fecho de tópico; (iii) o plano da argumentatividade, no qual possibilitam, por exemplo, a reafirmação de argumentos; (iv) o plano da interatividade, em que colaboram para monitoração da tomada de turno, ratificação do papel de ouvinte, manifestação de polidez etc.

Assumimos que, em um texto, cada ocorrência de repetição atua, ao mesmo tempo, em todos esses planos, normalmente focalizando algum(ns) deles, assunção que pode ser depreendida em Marcuschi (2006, p. 250) e que se alinha a premissas teórico-metodológicas da PTI (ver seção 1 acima). Também com base nos pressupostos da abordagem, concebemos ainda que esses planos diferem-se entre si gradualmente, distribuindo-se ao longo de um contínuo que parte de um polo mais textual e menos interacional, para um polo inverso, menos textual e mais interativo, como no caso dos tipos de parêntese (seção 2.2 anterior). Nessa visão, os planos da coesividade e da topicalidade são os mais textuais, o da interatividade situa-se naturalmente no polo mais interacional, enquanto a argumentatividade ocupa posição intermediária, na medida em que a argumentação integra uma manipulação particular de conteúdo informacional (foco textual) com uma tônica na persuasão do interlocutor (foco interativo).<sup>23</sup>

Nossos resultados mostram que, em termos de funções, o emprego da repetição no século XIX e seu uso no século XX mantêm várias semelhanças, mas exibem uma diferença substancial. Em ambas as sincronias, verificam-se repetições com foco na coesividade, repetições com foco na topicalidade, ocorrências com foco na argumentatividade e casos com foco na interatividade, havendo, nos dois períodos, maior incidência do primeiro desses tipos. Porém, na sincronia mais recente, nota-se drástica redução no índice de repetições com foco na interatividade. Na amostra oitocentista, os quatro tipos de repetição listados aparecem conforme as seguintes frequências, respectivamente: 41,1% (198/482), 28% (135/482), 5% (24/482), 25,9% (125/482). No material novecentista, as respectivas frequências ficam em: 48,3% (205/425), 41,2% (175/425), 8,2% (35/425), 2,3% (10/425).

<sup>23</sup> Na PTI, a pertinência de situar a argumentatividade em posição intermediária entre o polo mais textual e o mais interacional das repetições encontra respaldo, por exemplo, na teorização sobre a classe dos marcadores discursivos. Na caracterização desses elementos, Risso, Silva e Urbano (2006) distinguem três graus de interatividade que uma expressão linguística pode assumir: *fragilmente*, *secundariamente* e *basicamente* (fortemente) *orientadora da interação*. Nas expressões secundariamente orientadoras, os autores incluem, dentre outros recursos, justamente mecanismos envolvidos com a orientação argumentativa dos enunciados.

A carta em (1) acima permite ilustrar os dois primeiros tipos na amostra oitocentista. Recorde-se que o tópico da carta é a situação de irregularidade nas saídas das embarcações da *Companhia de Navegação Paulista* e de desconsideração da empresa com os clientes. Assim, ocorrências como as duas repetições da palavra “companhia” (linhas 2 e 4) e a repetição do sintagma “Companhia de Navegação Paulista” (linhas 12-13) incidem diretamente sobre o tópico, constituindo-se em repetições com foco na topicalidade. Já uma repetição como a da palavra “Santos” (linha 11) centra-se na função de coesão referencial – portanto, no plano da coesividade –, não remetendo diretamente ao tópico, nem expressando efeito argumentativo ou interativo especial. Similarmente, na carta em (3), cujo tópico é a imagem negativa *do movimento estudantil*, a repetição do sintagma “o movimento estudantil” (linha 12) tem foco na topicalidade, enquanto a repetição de “o governo” (linha 11) concentra-se na coesividade, novamente mediante coesão referencial.

O fragmento em (12), do século XIX, ilustra o foco na argumentatividade:

- (12) Ao publico || José Gomes da Rocha dá conhecimento ao respeitavel publico que, de ora em diante, assignar-se ha *José Gomes da Rocha Gondim*; e que assim procede porque já teve a honra de ser recolhido **á cadeia duas vezes**, pela sabia policia desta provincia, como autor de um assassinato, que a mesma exma. sra. d. policia diz que fôra perpetrado ha 10 annos, em Grãoomogol, terra em que o abaixo assignado jámais pisou. || E mais avisa a trez pessoas, que tem egual nome, que se acoutelem da policia, porque tendo o abaixo assignado mudado o nome, deixa em perigo os que o não fizerem. || Sim, senhores! Fui **duas vezes á cadeia**, como assassino: e na ultima vez prenderam-me em Aiahy, algemaram-me, e remetteram-me para esta cidade, em cuja cadeia estive cerca de mez e meio, tendo deixado em Apiahy minha pobre mulher e filhos entregues ao mais exarcebado dessespero. [...]. (*A Província de S. Paulo*, 21 de setembro de 1875).

A repetição “duas vezes á cadeia” parece-nos reforçar a argumentação do escrevente de ser inaceitável, inacreditável, o fato de ele ter sido recolhido duas vezes à prisão pela coincidência de seu nome com o de outra pessoa (reforço também perceptível na reafirmação exclamativa que antecede a repetição: “Sim, senhores! Fui duas vezes á cadeia”). Do mesmo modo, em (11), da sincronia novecentista, as repetições envolvendo a oração “somos a favor” reforçariam a listagem de argumentos que sustentam a postura do escrevente de defesa dos animais – cabe relatar que a repetição de construção oracional, como em (11), normalmente está atrelada ao foco na argumentatividade, enquanto a repetição de palavras e de construções suboracionais distribuem-se por todos os planos.

Finalmente, no que tange ao emprego de repetições com foco na interatividade, verifica-se significativa diferença entre as cartas dos dois períodos. Como apontado, esse tipo de repetição tem frequência de 25,9% na amostra oitocentista, caindo para 2,3% – portanto, sendo quase eliminado – no material novecentista. Esse índice maior de repetição interativa naquela amostra advém predominantemente do reiterado uso de *expressões que fazem referência ao destinatário da carta*, especialmente (mas não só) ao redator do jornal, muitas vezes na função de vocativo. Trata-se da recorrência de pronomes pessoais de segunda pessoa, formas de tratamento e expressões nominais referenciais que rotulam o destinatário, como “senhor redator”, “compadre” etc.

Cabe aqui ressaltar que, por questões estruturais, parece natural que certos tipos de palavras e expressões sejam mais frequentes do que outros. Em uma língua, a diversidade de expressões que podem fazer referência aos interlocutores (especialmente a variedade de fórmulas tratamentais e pronominais) é, por óbvio, extremamente mais reduzida do que a diversidade de expressões que podem remeter a quaisquer outros referentes (a referentes, digamos, não pessoais). Daí poderia resultar uma tendência de, em um texto, haver maior incidência de repetições relativas aos interlocutores (principalmente de fórmulas tratamentais e pronominais), do que repetições de expressões relativas a outros referentes. A esse respeito, é importante esclarecer que a incidência de repetições relativas ao destinatário detectada no século XIX é especialmente relevante aqui não em oposição a outros tipos de repetição, mas em oposição ao índice (muito baixo, quase inexistente) dessa repetição no século XX.<sup>24</sup>

Como exemplo do emprego de repetições interativas na amostra oitocentista, pode-se observar a carta em (1) acima, na qual aparece, na linha 2, a forma de tratamento “vossassenhorias”, repetida na linha 15. Na missiva em (2), da mesma amostra, emprega-se a forma pronominal “vocemecê” na linha 1, retomada nas linhas 3 e 12-13. O fragmento em (13) (da mesma carta usada em (9)) também mostra, novamente no material do século XIX, a repetição de expressão que se refere ao destinatário (agora mediante expressão nominal que o rotula), evidenciando, inclusive, a alta incidência desse tipo de repetição na amostra desse período:

- (13) [...]. O **compadre** passa um vidão, mora no meio da abundancia, sente o aroma das flores, e das arvores, bebe boa e cristalina agua [...]. Ora realmente felicissimo **compadre**, uma vidinha destas é para chegar com certeza á idade do defunto Mathuzalen [...]. Aqui corre o rio por outra fôrma. Levanta-se a gente pela volta das 8 horas, toma o seu café, mas um café, **compadre**, todo adubado com milho [...]. A respeito de pão dir-lhe-hei, impertinentissimo **compadre**, que só não temos o - Pão nosso de cada dia. || O jantar tem sempre lugar a hora da sua merenda, frugalissimo **compadre**, compõe-se de - todas las cosas e algumas cositas mais, tudo iguarias papafina. [...]. Uma coisa que não temos nesta nossa boa cidade do Apostolo das gentes, quem o acreditaria! é agua. Mas declaro-lhe, sequiozissimo **compadre**, que não faz falta. [...]. (*Correio Paulistano*, 21 de janeiro de 1864).

A repetição de expressão pela qual se faz referência ao destinatário da carta pode ser incluída na função descrita por Marcuschi (2006, p. 252) como ratificação do papel de ouvinte, do plano da

<sup>24</sup> Convém ainda reconhecer o provável efeito, sobre os dados em questão, resultante de correlações entre os diferentes processos textuais. Como mostrado em 2.1, as cartas do século XIX registram maiores índices das unidades intratópicas de abertura (que, por vezes, incluem saudações ao interlocutor) e interpelação, o que pode concorrer para aumento da frequência de formas endereçadas ao interlocutor (trata-se de exame que nossa pesquisa não chegou a efetivar, mas que se mostra como um passo prospectivo importante). De toda forma, caso se contabilizasse maior concentração de repetições interativas nas unidades de abertura e interpelação (do que em demais partes das cartas), o fato não seria incompatível com a tendência geral aqui focalizada de diminuição no teor interacional das missivas, de um século ao outro. Na verdade, tal constatação reforçaria o teor mais interativo da interpelação (acima destacado) e apontaria para um teor também mais interativo da abertura, justamente as duas unidades que têm frequências reduzidas no transcorrer do período observado. A nosso ver, o fato indicaria uma integração entre organização tópica e repetição e uma convergência dos dois processos para uma mesma tendência estilística do gênero.

interatividade, ou mereceria uma categoria própria dentro desse plano. Em qualquer das opções, é inequívoco o teor acentuadamente interativo desse tipo de repetição, na medida em que é uma forma de explicitação, na materialidade textual, da relação intersubjetiva, uma forma pela qual o escrevente pode construir um texto mais apelativo, instaurando maior proximidade com o destinatário. Desse modo, a repetição atua efetivamente para a elaboração de um estilo mais interativo nas cartas oitocentistas, atuação praticamente não acionada nas missivas novecentistas, nas quais é inexpressivo o índice do tipo de repetição em tela. Ou seja, também no processo de repetição, nota-se uma mudança compatível com a alteração estilística das cartas apontada pela diacronia da organização tópica e da parentetização.

## Considerações finais

Neste artigo, procuramos descrever, de forma integrada, aspectos centrais da diacronia dos processos de organização tópica, parentetização e repetição, considerando como esses processos se desenvolvem em cartas de leitor paulistas. Os resultados apresentados indicam, dentre outros aspectos, que, no período observado: as unidades intratópicas de explicação e avaliação são continuamente usadas com alta frequência percentual, enquanto a interpelação sofre expressiva queda de percentual de uso; ocorre drástica diminuição da incidência de parênteses com foco no interlocutor; verifica-se forte redução no índice de emprego de repetições com foco no plano da interatividade. Conforme argumentamos, essas constatações permitem formular a hipótese de que, no decorrer do tempo, as missivas teriam experienciado significativa alteração de finalidade sociocomunicativa e de estilo: passariam do propósito de discutir um tema como sustentação de uma solicitação para o propósito de discutir um tema como expressão de opinião e migrariam de um estilo textualmente mais interativo para um estilo menos interativo. Essas duas alterações, diretamente vinculadas entre si, estariam entre as motivações das mudanças atestadas nos processos de construção textual analisados.

Em relação aos três processos, o artigo descreve trajetórias diacrônicas que se mostram coerentes entre si e compatíveis com uma hipótese comum sobre o caminho histórico do gênero textual em questão. Com efeito, o percurso delineado para o gênero, particularmente em termos de finalidade e estilo, é condizente com o que outros autores apontam acerca do histórico mais amplo de desenvolvimento do jornalismo impresso no Brasil. Para Gomes (2007, p. 88), é possível identificar três estilos predominantes que se sucedem na história do jornalismo impresso no país, no decorrer dos séculos XIX e XX: o *político-panfletário*, no qual o discurso jornalístico ora exhibe tom pomposo, ora é marcado por polêmicas pessoais, violência verbal, injúrias e grosserias, caracterizando-se, ainda, por emprego de vocativos, imperativos, repetições, interjeições, subjetivismo, adjetivação e pontuação enfática; o *literário-independente*, que, inserido num contexto de maior organização intelectual e cultural da sociedade civil, privilegia temáticas culturais e científicas, com linguagem caracterizada por detalhes descritivos, figuras de linguagem e poeticidade; o *telegráfico-informativo*, que, em contexto de modernização tecnológica, gráfica e editorial, é caracterizado por concisão, objetividade

da informação, adoção do estilo simplista telegrafês, em lugar do estilo detalhista literário, e por linguagem direta, com mais afirmações que demonstrações. Trata-se, portanto, de uma história em que a linguagem do jornalismo impresso passaria de um estilo mais emotivo e pessoalizado para um estilo mais objetivo, mudança com a qual, de fato, afina-se nossa hipótese de alteração de finalidade e estilo das cartas.

Desse modo, os resultados do artigo, além de poderem contribuir para a compreensão da história de cartas de leitor e do português paulista e brasileiro, colaboram no sentido de reforçar a pertinência da abordagem diacrônica adotada no trabalho, já que um de seus princípios teórico-metodológicos fundamentais (como relatado) é justamente o de que a diacronia dos processos textuais é parte da história dos gêneros.

Na mesma direção, os resultados do trabalho, como adiantado na seção inicial acima, apontam para a corroboração de uma das premissas mais fundamentais da PTI (teoria na qual nossa abordagem diacrônica assenta-se): o entendimento de que a estruturação textual funciona de forma intrinsecamente ligada ao processamento interacional do texto. Os processos de organização tópica, parentetização e repetição caracterizam-se, dentre outros aspectos, como estratégias de estruturação textual. Fazem parte do conjunto de recursos pelos quais enunciados são articulados entre si para a edificação do texto. E, como o artigo procurou argumentar, os três processos dão sinais de que vão atuando diacronicamente em conformidade com a dinâmica interacional das cartas. A estrutura tópica dá indícios de que varia conforme *o propósito sociocomunicativo* das cartas, o qual é um fator interativo, intersubjetivo, dialógico da atividade verbal, na medida em que tem a ver com a ação que se pretende que o texto realize em sociedade, entre interlocutores; no caso, a ação de um sujeito solicitar algo a outro ou expressar ao outro a sua opinião. No mesmo sentido, as trajetórias dos três processos mostram-se compatíveis com uma mudança estilística do gênero, particularmente uma alteração em termos da elaboração de cartas mais, ou menos, textualmente interativas, verificando-se aí, outra vez, uma associação entre os processos e a expressão textual das relações intersubjetivas.

Ou seja, o trabalho sinaliza que os processos textuais analisados comportam-se, diacronicamente, de forma intimamente conectada ao enquadramento intersubjetivo que vai caracterizando as cartas ao longo da história. Assim, o artigo indica a pertinência da referida premissa textual-interativa, evidenciando, em última instância, a relevância da relação entre linguagem e intersubjetividade.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, Afranio Gonçalves; LOPES, Célia Regina dos Santos (org.). *Críticas, queixumes e bajulações na imprensa brasileira do século XIX: cartas de leitores*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (org.). *História do português brasileiro: o português brasileiro em seu contexto histórico*. São Paulo: Contexto, 2018.

CASTILHO DA COSTA, Alessandra. *Corpus de jornais paulistas dos séculos XIX e XX: contribuição para o Projeto de História do Português Paulista (PHPP)*. São Paulo: PHPP, 2012.

GARCIA, Aline Gomes. *Estudo do processo de organização tópica em editoriais de jornais paulistas do século XXI*. 2018. 278f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/45d79e89-0b29-4e1e-958c-da2c863338e6>. Acesso em: 07 mar. 2023.

GOMES, Valéria Severina. *Traços de mudanças e permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido*. 2007. 313f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7563>. Acesso em: 08 mar. 2023.

GUERRA, Alessandra Regina. A organização tópica em cartas de leitor paulistas. In: PENHAVEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério (org.). *História do português brasileiro: diacronia dos processos de construção de textos*. São Paulo: Contexto, 2022, pp. 38-67.

GUERRA, Alessandra Regina; PENHAVEL, Eduardo. O processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas do século XIX. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 37-38, pp. 137-61, 2010. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/688/455>. Acesso em: 06 mar. 2023.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. A Perspectiva Textual-Interativa. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006a, pp. 27-36.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Parentetização. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006b, pp. 301-357.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi. Uma gramática textual de orientação interacional. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de et al. (org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007, pp. 313-327.

JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, pp. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Repetição. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, pp. 219-254.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

OLIVEIRA, Gabriela Andrade de. *Estudo do processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas do século XXI*. 2016. 194f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2016. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/11449/144361>. Acesso em 07 mar. 2023.

PENHAVAL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério. Abordagem diacrônica de processos de construção de textos. In: PENHAVAL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério (org.). *História do português brasileiro: diacronia dos processos de construção de textos*. São Paulo: Contexto, 2022, pp. 17-37.

PENHAVAL, Eduardo; ZANIN, Isa Caroline Aguiar. O processo de organização intratópica em cartas de redator de jornais paulistas do século XIX. *Cadernos da Fucamp*, v. 19, n. 39, pp. 77-96, 2020. Disponível em: [revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2249](http://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2249). Acesso em: 08 mar. 2023.

PILAGALLO, Oscar. *História da imprensa paulista: jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

RISSO, Mercedes Sanfelice; SILVA, Giselle Machline de Oliveira; URBANO, Hudinilson. Traços definidores dos Marcadores Discursivos. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, pp. 403-425.

SEARLE, John Rogers. *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos de fala*. 2. ed. Tradução Ana C. Camargo e Ana Luiza M. Garcia. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. From subjectification to intersubjectification. In: HICKEY, Raymond (ed.). *Motives for language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, pp. 124-139.